

EDITORA BOM JESUS

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO FRANCISCANA DE ENSINO SENHOR BOM JESUS

Frei João Mannes

DIRETOR-GERAL

Jorge Apóstolos Siarcos

**GERENTE PEDAGÓGICA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS (CEP)
E DA EDITORA BOM JESUS**

Giselli Padilha Hümmelgen

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ana Maria Cotrim e Fabiola Penso

PROJETO GRÁFICO

Editora Bom Jesus

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Editora Bom Jesus

NORMATIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Edith Dias

Todos os direitos desta edição estão reservados à Editora Bom Jesus. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

Harada, Hermógenes, OFM, 1928-2009

Fragmentos de pensamento humano-franciscano/ Hermógenes Harada;
organizador: Enio Paulo Giachini. Curitiba: Editora Bom Jesus, 2016.

406 p.16 cm

ISBN 978 85 8459 030 8

I. Franciscanismo. 2. Vida cristã - Escritores católicos. 3. Espiritualidade.
I. Giachini, Enio Paulo, Org. II. Título

CDD 271.3

255.4

248.4

Editora Bom Jesus
Rua Anselmo de Lima Filho, 242
81290-250 – Curitiba-PR
www.bomjesus.br

1. A JANELA DO OLHO

No número de janeiro de 1996 da revista japonesa *Akebono (A Alva)*, editada pelas Irmãs Paulinas, há um artigo intitulado *A Enfermaria de Jacó*. Ali, a autora, Fujiwara Yoshiko, relata os debates ocorridos em um seminário de ética, realizado na Província de Chiba, onde estavam presentes como participantes educadores e especialistas na área da ética, provenientes de vários países do mundo. No início do seminário, o animador dos debates, à guisa de provocação para discussões, contou uma estória, inventada por ele mesmo, como se fosse uma vivência pessoal, cujo título era *Para Além das Cortinas*. A estória em resumo dizia mais ou menos o seguinte:

O cenário: uma enfermaria geral em um hospital semiabandonado no Oriente Médio. O quarto, apesar de grande, possui uma única janela, sempre fechada por espessas cortinas brancas, que apenas deixam entrever a paisagem lá de fora, por meio da fresta que de vez em quando se abre por um instante, quando o vento balança as cortinas ou quando o paciente, cuja cama está bem contígua à janela, com muito esforço, levanta um pouco o corpo e consegue afastar as cortinas, aumentando por momentos a fresta.

A estória: Sou um doente terminal como todos os meus companheiros do quarto. Estamos presos ao leito, por causa da doença, incapazes de nos levantarmos e andarmos. Não há visitas de fora. De tempo em tempo aparecem apressadamente alguns médicos e enfermeiros. Passamos o dia todo a olhar o teto mal iluminado. Mas no leito contíguo à janela estava Jacó, o mais doente entre nós. Todos tínhamos inveja dele, pois aquele leito de Jacó era o mais cobiçado dos leitos. Para lá, só podia ir quem era o primeiro do *ranking* da doença terminal. Só Jacó podia dar uma espiada na paisagem do mundo de fora. Ele era por isso o nosso espia, o nosso olheiro, a nossa curiosidade, a esperança, a alegria e a novidade. ‘Lá vem a menininha que vende flores!’, anunciava ele. ‘Como está vestida, hoje?’, ‘Que flores está ela a vender?’, perguntávamos curiosos. ‘Parou de chover... Olha, as crianças estão brincando nas poças d’água!’, relatava Jacó. E nós preocupados: ‘Será que não vão apanhar da mãe?’, ‘Vão pegar um resfriado!...’.

A minha doença piorou. Tornei-me o segundo doente mais grave da enfermaria. Portanto, o candidato mais próximo na sucessão à cama de Jacó. Se ele morrer, o leito desejado seria meu. Aos poucos comecei a ter raiva de Jacó. Um dia, Niklas, cuja doença se agravou de repente, suplicou a Jacó que trocasse de lugar com ele, apenas por um dia. Queria morrer, depois de satisfazer o seu último desejo, o de dar uma espiada no mundo lá de fora. Jacó recusou o pedido. No dia seguinte, Niklas estava frio: amanhecera morto. A minha raiva se transformou em rancor. Comecei a desejar a morte de Jacó. Se tivesse sido eu a ocupar aquele leito, Niklas teria realizado o seu último desejo. Em um dia de inverno, piorou o estado de saúde de Jacó. Com voz trêmula e ofegante anunciou: ‘Amanhã vai fazer um bom tempo. À noite o céu estava cheio de estrelas...!’. E, dizendo isso, morreu.

No dia seguinte, finalmente fui transferido para o desejado posto, à beira da janela. Com um sentimento de surdo desprezo por Jacó e tomado pela expectativa da visão há tanto tempo esperada, não senti nenhuma tristeza nem pena pela sua morte. Os enfermeiros me carregaram para o leito à beira da janela, a ex-cama de Jacó. Com o coração a bater como louco de esperança e curiosidade, agarrei-me ao parapeito da janela para erguer um pouco o corpo e finalmente gozar a maravilhosa paisagem do mundo lá fora... Ali, lá fora, estendia-se cinzento e sujo o imenso paredão do muro da fábrica vizinha, qual uma ulterior cortina de concreto armado a fechar completamente a visão.”

O artigo de Akebono não comenta essa estória. Antes discute as reações dos participantes do seminário, analisando a diferença no modo de sentir dos ouvintes do Ocidente e do Oriente. É que os participantes do Oriente se emocionaram com essa estória, com a coragem e a delicadeza da tentativa de Jacó de dar a si e aos companheiros um pouco de esperança e alegria de viver. Os participantes do Ocidente se indignaram com a situação subumana da sociedade, que permite a existência de tal enfermaria. Criticaram a própria atitude de Jacó como alienada e escapista, fugindo da tarefa de denunciar a situação da miséria em que ele e os seus companheiros se encontravam.

A nós, nessa reflexão, interessa aquele momento da estória, no qual o substituto de Jacó descobre que este tinha criado, todo o tempo, a cada dia, um mundo novo, sobre o qual relatava aos companheiros. Mas, antes de nos concentrarmos nesse ponto, vamos rapidamente observar como as interpretações das reações tanto ocidentais como orientais deixam escapar o mais importante dessa estória. Para podermos perceber isso, examinemos mais em detalhes essas reações e as suas interpretações.

Certamente, a caracterização das reações dos participantes, descrita como sendo a do Ocidente e a do Oriente, é uma simplificação, diríamos, “caricatural”. No entanto, indica a direção para onde vai a intencionalidade de empenhos e objetivações de nossa busca. Continuando a interpretação simplificada e caricatural das reações dos participantes do seminário de ética, poderíamos, quem sabe, dizer que o Ocidente pensa social, pensa nos outros, pensa comunitariamente, pensa moderno, na ação transformadora, na responsabilidade pela tarefa humana de afirmar a realidade terrestre, de melhorar as condições humanas; e tudo isso em nome do engajamento pela construção da fraternidade universal, do mundo melhor. Ao passo que o Oriente pensa particular, pensa na intimidade de sentimentos e vivências, de si e dos outros, de cada um, pensa individualmente, pensa medieval, na interioridade, diríamos “romântica”, de sua alma, do seu coração, no gosto estético de afinar a sensibilidade do sentimento humano, de se dispor à realidade que vem depois de passadas todas as ilusões, anela pela “participação mística” no nirvana da dissolução cósmica.

Dizemos usualmente: essas duas colocações não se excluem. Elas se complementam como o exterior e o interior, como a ação e o coração. No entanto, se voltarmos à estória, não haveria ali um ponto muito importante que não se deixa interpretar a partir dessas nossas colocações usuais? Ou melhor, que essas nossas interpretações padronizadas **tiram inteiramente a identidade diferencial, o mordente de uma “realidade” muito radical, em referência à essência humana?** Em que consiste esse ponto nevrálgico?

Mas, para podermos ver esse ponto nevrálgico, fosse talvez necessário “desromantizar” a estória... Em que sentido? É que tanto a comoção oriental de admiração e simpatia diante do humanismo de Jacó como a crítica ocidental contra Jacó, por causa da sua alienação da responsabilidade de assumir a luta pela Terra dos Homens, passam

ao lado da situação real, na qual está Jacó inserido na consumação da enfermidade terminal. Será que o que denominamos de fora como o fim, o término da vida, a morte ela mesma, quando ela nos atinge, não nos coloca cada vez, a cada um de nós, de uma forma real tão absoluta e total, que ali na radicalidade, na seriedade mortal desse instante da vida, não há diferença se estou desejando ver pela última vez a menininha que vende flores ou se estou concentrado em deflagrar o estopim da dinamite que vai fazer saltar a ponte comigo, impedindo assim que os inimigos entrem no meu povoado; se estou arriscando a minha vida jovem para aliviar os doentes atacados pelo ebola ou se estou a morrer de velhice, depois de uma aposentadoria bem paga, depois de ter gozado tranquilo o outono da vida, cercado de filhos, netos e bisnetos? Não é assim que o instante da morte é o instante da vida, no qual aparece o sentido, o mais profundo e radical que a cada momento estava sustentando, sempre de novo o percurso da vida com os seus afazeres e suas vicissitudes, que vinham e passavam, dando-nos a impressão de um fluir banal cotidiano, dentro do qual temos vivido a vida, nas ações e omissões, nos desejos e desesperos da nossa esperança, nas nossas alegrias e tristezas, a cada momento do nosso viver? A morte, vista de fora pelos outros, é certamente o último ponto terminal de um longo ou curto trecho de momentos que agora se apagam. **Mas vista como a vivência da morte, como o assumir, o engajar-se, como o doar-se ao instante da morte, não indica ela a mais nítida, a mais responsabilizada disposição e ação do meu ter que ser, do meu ter que dar o sentido desse momento supremo da vida e, com isso, de toda a minha vida?**

Essa disposição responsabilizada, em que no fundo tudo está por um fio, dependurado no salto da decisão da minha boa vontade, não está ela, na raiz de todas as nossas ações, volições, de todos os nossos desejos e anelos da nossa vida humana mortal, desde o nascer até o último instante do nosso morrer humano? Isso significa que,

por mais alienada e por mais escapista que pareça uma vida humana, **na sua raiz mais íntima está a convocação e o convite para a disposição de doação a um sentido inteiramente novo de ser.**

O paredão de concreto armado pode tolher a vista, pode nos enclausurar na prisão cinzenta da desesperança ou da indiferença. O que, porém, ele não nos pode jamais tirar é a possibilidade de o ser humano ser inteira, absoluta e radicalmente diferente do concreto armado sem vida. Mesmo para morrer “enganando a si e os outros, contando fantasias da sua imaginação”, encerrado em uma dupla cortina de impossibilidade de se expandir na felicidade vital da possibilidade natural devida e de direito, o humano jamais perde a possibilidade da convocação e do desafio, do direito e do dever, do poder e da liberdade de dar um sentido inteiramente novo à facticidade da sua situação. Não somente jamais perde, mas antes dela necessita para ser Homem. Quem sabe, Jacó, quando falava da menininha que vendia flores para ganhar o pão e o sustento, quando descrevia as crianças, chapinhando nas poças d’água, quando anunciava a manhã cheia de esperança, prometida pelas estrelas da noite, não estava falando dessa paisagem real oculta da coragem de ser? Portanto, dessa altivez indômita que atravessa toda a humanidade a anunciar sempre de novo que poder morrer, isto é, a vida que pode e deve morrer, é a dádiva de uma doação que nos convida à graça de um encontro que cada vez, sempre, a cada instante nos coloca na possibilidade de dizer sim à liberdade da gratuita doação?

Nos muros de pedra da cidade de Assis, florescem singelas e brancas minúsculas plantas, quase invisíveis na sua pequenez, agarradas com todas as forças às frestas das pedras, como que lutando valentemente contra todas as impossibilidades de sua sobrevivência. São tão valentes e corajosas na sua gratuidade e gratidão de viver que “sabem” de imediato a São Francisco e a sua plantinha, Santa Clara.

Alienação? Romantismo estético? Ou a única realidade do “animal de fundo” que sustenta a Terra?

